



Texto e contexto...

Dinâmica 7

3ª Série | 3º Bimestre

Professor

DISCIPLINA	ANO	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	3ª do Ensino Médio	Negritude/ africanidade.	Relacionar características do texto à tradição literária em que se inscreve e/ou ao contexto social.

DINÂMICA	Texto e contexto...
HABILIDADE PRINCIPAL	H13 – Relacionar características do texto à tradição literária em que se inscreve e/ou ao contexto social.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H04 – Identificar o tema de um texto.
CURRÍCULO MÍNIMO	Analisar a produção literária do período colonial, distinguindo conceitos de negritude e africanidade.

Professor/a, nesta Dinâmica você irá desenvolver as seguintes etapas com seus alunos:

ETAPAS	ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO	
1	Leitura e debate.	Discussão orientada sobre elementos da literatura africana.	30 min	Toda a turma.	Oral/ Coletivo.
2	Aprofundamento dos conceitos e sistematização dos conteúdos.	Exercícios de análise textual.	30 min	Duplas.	Escrito/Oral/ Duplas.
3	Autoavaliação.	Questões objetivas/ modelo Vestibular.	20 min	Individual.	Escrito.
4	Etapa opcional.	Produção textual.	A critério do professor.	Individual.	Escrito.

Recursos necessários para esta Dinâmica:

- Textos e fichas de leitura componentes do material do professor e do aluno.

APRESENTAÇÃO

O trabalho com as literaturas africanas se oferece como uma demanda nova diante da necessidade de os alunos compreenderem o alcance das influências que concorreram para formar nossa cultura tão rica e plural. Dessa forma, o Currículo Mínimo aponta a abordagem dessas literaturas como item do terceiro bimestre.

Esta Dinâmica tem o objetivo imediato de familiarizar os alunos com uma forma de fazer literatura bem diferente daquela à qual estão acostumados, orientando o olhar para um outro, o africano, que não está longe de nós, brasileiros. Destacam-se as similaridades nos modos de vida e no dia a dia que saltam aos olhos na leitura dos textos que descrevem seus costumes, buscando-se levar à compreensão de que o que parece diferente, na verdade não é tão distinto assim. As semelhanças encontradas entre o ambiente retratado no fragmento do conto de Luandino Vieira, selecionado para análise, e diversas comunidades brasileiras deverão aproximar os alunos da realidade social tematizada nas literaturas africanas, motivando a elaboração do conceito de africanidade e clarificando a ideia de negritude para além de uma palavra de ordem da moda politicamente correta dos Estudos Culturais.

Os adolescentes precisam ser familiarizados com a ideia de alteridade. Sobre tudo no ponto em que esse conceito pode ser compreendido como aquilo que, ao contrário do que se pensa, não está longe, mas ao lado de cada um. Os exercícios propostos na Dinâmica encaminham essa percepção.

A Etapa opcional estimula a criatividade e o desenvolvimento da habilidade de escrita.

ETAPA 1

LEITURA E DEBATE



DISCUSSÃO ORIENTADA SOBRE ELEMENTOS DA LITERATURA AFRICANA

Apesar de sabermos da importância e da influência da cultura africana na formação do nosso país, pouco temos estudado sobre a literatura desses povos em nossas escolas. Muitas vezes, a figura do negro vem relacionada apenas à escravidão e à pobreza. Essa situação tem ligação com o contexto histórico e social em que as populações africanas chegaram ao Brasil. Tratados como objetos e como instrumentos de trabalho, os negros eram propriedade dos brancos, não sendo vistos como seres humanos dotados de valor e, por isso, não sendo respeitados.

Logo, a cultura e as práticas que os negros possuíam antes de saírem da África foram ignoradas, em alguns casos; em outros, desestimuladas e, na maioria das vezes, reprimidas. E até mesmo suas participações na cultura brasileira, de um modo geral, ficaram restritas, por muito tempo, às listas de palavras, aos costumes religiosos, a algumas danças e comidas típicas.

Ainda bem que as coisas começaram a mudar... Podemos dizer que, hoje em dia, já se reconhece que estudar a cultura brasileira e sua história é estudar a história e a cultura dos grupos que a compõem, sejam eles indígenas, africanos, europeus e outros. Por isso, é importante que busquemos conhecer mais e mais a(s) cultura(s) africana(s), que de forma consistente permanecem ativas na construção da identidade brasileira. E uma forma de se fazer isso é através da literatura. Com esse meio, podemos ter acesso à história dos povos oriundos da África sob a perspectiva deles mesmos, e não apenas pela ótica dos colonizadores. Podemos reconhecer o valor e a importância que os africanos tiveram na formação do povo brasileiro e aprender um pouco mais com suas histórias e narrativas.

E o mais importante: reconhecer que os povos africanos não devem estar associados apenas à escravidão brasileira. Seus costumes, seus valores, suas religiões, suas distintas línguas, seus diferentes modos de organizar a sociedade fazem parte daquilo que compõe as nações africanas e, conseqüentemente, a nação brasileira.

Assim, as literaturas africanas, de modo geral, buscam referência na vida das populações do continente africano, nas suas histórias e nas suas culturas diversificadas. Suas narrativas são, comumente, ambientadas historicamente. Logo, há uma grande relação entre elas e o contexto social. Por isso, no período colonial e no período pós-colonial, encontramos muitas narrativas sobre a luta por justiça, sobre os “tempos de guerra” vivenciados por uma parcela significativa das nações africanas e sobre o desejo por liberdade.

Com a busca por libertação da colonização e/ou da exploração europeia, surgiram novos questionamentos e, de forma geral, um sentimento nacionalista tomou forma entre os países africanos, influenciando a literatura e a cultura daquelas nações. Assim, conceitos como “negritude” e “africanidade” começaram a ser fortemente explorados. De acordo com o **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, a palavra “negritude” refere-se à “qualidade ou condição de negro” e/ou “sentimento de orgulho racial e conscientização do valor e riqueza cultural dos negros”. Já “africanidade” está

relacionada à “afinidade pela África” ou, mais especificamente, “pela África negra”. Assim, os dois termos têm relação ao sentimento de “pertencimento” à cultura negra, ao orgulho de ser e/ou descender de negros. O primeiro pode ser considerado mais restritivo, pois, em geral, só pode se orgulhar de ser negro quem de fato o é... O segundo, no entanto, pode ser visto como mais abrangente, pois qualquer pessoa pode ter afinidade pela África.

Nesta Dinâmica analisaremos alguns dos elementos característicos da literatura africana, especialmente no que diz respeito à relação entre as produções literárias e o contexto em que estão inseridas. Além disso, observaremos os temas dos textos apresentados e sua relação com o conceito de negritude e de africanidade.

Para tal, leremos um fragmento do conto “Estória da galinha e do ovo”, de José Luandino Vieira. O/a professor/a dará, em seguida, explicações sobre o texto, orientando um debate entre a turma.

Chegou a hora de trabalhar! Mãos à obra!

Condução da atividade

- *Apresente a Dinâmica aos alunos, expondo o tema e os objetivos a serem alcançados.*
- *Leia o texto introdutório ou peça a algum aluno para lê-lo, se achar adequado.*
- *Aproveite o momento para introduzir os conceitos de negritude e de africanidade, relacionando-os com a influência da literatura e da cultura africana em nosso país.*
- *Apresente-lhes o texto de José Luandino Vieira, explicando a importância desse autor no cenário africano e algumas características dos fragmentos em questão.*
- *Informe que o texto apresenta palavras em línguas africanas e peça que, antes de buscarem a seção Vocabulário, os alunos tentem “adivinhar” seu significado pelo contexto.*
- *Verifique as primeiras impressões de leitura através de perguntas genéricas e subjetivas.*
- *Pergunte-lhes se conseguiram identificar o tema principal do texto e se são capazes de relacioná-lo aos conceitos anteriormente discutidos.*
- *Controle o tempo.*



Professor/a,

Nesta Dinâmica trabalharemos com as principais características e linhas de força da literatura africana. Assim, será necessário que os alunos percebam a importância dela no contexto de formação, referência e história de uma cultura – a dos povos africanos – cuja identidade se liga de forma indelével à gênese da cultura brasileira e de suas expressões artísticas, assim como na produção do pensamento crítico da sociedade. Eles deverão compreender que a literatura africana, de um modo geral, não está envolvida somente com textos relacionados à escravidão e à tortura que sofreram (têm sofrido) ao longo de sua história de relacionamento com a Europa e as Américas, pois, apesar de tratarem com afinco das questões ligadas à liberdade e à justiça, os povos africanos também possuem histórias diversas, ligadas a temáticas bastante variadas.

Esclareça que durante muitos anos o continente africano esteve sob influência e dominação de diversos países, principalmente europeus, e que, por isso, as produções literárias do período colonial e pós-colonial estão fortemente carregadas de textos denunciando a opressão em que viviam suas populações. Assim, as temáticas da guerra, da justiça e da liberdade vêm permeando histórias de amor, de luta, de amizade, de sobrevivência, entre outras demonstrações de valores universais.

Ao chegar ao texto de José Luandino Vieira, esclareça que se trata de uma narrativa elaborada em língua portuguesa de Angola, apresentando palavras e/ou expressões em línguas africanas nativas. Além disso, comente com os alunos que não devem se deixar enganar: algumas palavras se parecem muito com aquelas que encontramos no português do Brasil, mas apresentam significados bem diferentes.

Aproveite as informações da seção Caleidoscópio para fazê-los conhecer melhor o autor, reforçando sua importância no cenário literário nacional de Angola: participou ativamente da luta pela libertação de Angola do domínio de Portugal, contribuiu para a criação da República Popular de Angola, foi preso acusado de envolvimento no movimento independentista, por exemplo.

Relacione as principais características dos contos africanos, que os alunos estudaram em suas aulas regulares no terceiro bimestre, com a temática do texto em questão. Somente após os alunos estabelecerem tais relações, avance para a próxima Etapa.



TEXTO

Estória da galinha e do ovo

Para Amarin e sua ngoma: sonoros corações da nossa terra.

A estória da galinha e do ovo. Estes casos passaram no musseque Sambizanga, nesta terra de Luanda.

Foi na hora das quatro horas.

Assim, como, às vezes, dos lados onde o sol fimba, no mar, uma pequena e gorda nuvem negra aparece para correr no céu azul e, na corrida, começa a ficar grande, a estender braços para todos os lados, esses braços a ficarem braços e esses ainda outros mais finos, já não tão negros, e todo esse apressado caminhar da nuvem no céu parece os ramos das muitas folhas de muitas cores, algumas já secas com o colorido que o sol lhes põe e, no fim, mesmo, já ninguém que sabe como nasceram, onde começaram, onde acabam essas malucas filhas da nuvem correndo sobre a cidade, largando água pesada e quente que traziam, rindo compridos e torto relâmpagos, falando a voz grossa de seus trovões, assim, nessa tarde caíam, começo e confusão.

Sô Zé da quitanda tinha visto passa nga Zefa rebocando miúdo Beto e aviando para não adiantar falar mentira, senão ia-lhe pôr mesmo jindungo na língua. Mas o monandengue refilava, repetia:

– Juro, sangue de Cristo! Vi-lhe bem mamã, é a Cabíri!...

Falava verdade como todas as vizinhas viram bem, uma gorda galinha de pequenas penas brancas e pretas, mirando toda a gente, desconfiada, debaixo do cesto ao contrário onde estava presa. Era essa a razão dos insultos de nga Zefa tinha posto em Bina, chamando-lhe ladrona, feiticeira, queria lhe roubar ainda a galinha e mesmo que a barriga da vizinha já se via, como o mona lá dentro, adiantaram a pelejar.

Miúdo Xico é que descobriu, andava na brincadeira com Beto, seu mais novo, fazendo partidas vavô Peteleu tinha-lhes ensinado, de imitar as falas dos animais e baralhar-lhes e quando vieram ao quintal de mamã Bina pararam admirados. A senhora não tinha criação, como é que se ouvia a voz dela, pi, pi, pi, chamar galinha, o barulho do milho cair no chão varrido? Mas Beto lembrou os casos já antigos, as palavras da mãe queixando no pai quando, sete horas, estava voltar do serviço:

– Rebento-lhe as ficas, João! Está ensinar a galinha a por lá!

Miguel João desculpava sempre, dizia a senhora andava assim de barriga, você sabe, às vezes é só essas manias de mulheres têm, não adianta fazer confusão, se a galinha volta sempre na nossa capoeira e os ovos é você que apanha... Mas nga Zefa não satisfeita. Arreganhava o homem era um mole e jurava se a atrevida tocava na galinha ia passar luta.

– Deixa, Zefa, pópilas! – apaziguava Miguel. – A senhora está concebida então, homem dela preso e você ainda quer pelejar? Não tens razão!

Por isso, todos os dias, Zefa vigiava embora sua galinha, via-lhe avançar pela areia, ciscando, esgaravatando a procurar os bichos de comer, mas, no fim, o caminho era sempre o mesmo, parecia tinha-lhe posto feitiço: no meio de suas aduelas caídas, a Cabíri entrava no quintal da vizinha e Zefa via-lhe lá debicando, satisfeita, na sombra das frescas mandioqueiras, muitas vezes Bina até dava-lhe milho ou massambala. Zefa só via os bagos cair no

chão e a galinha primeiro a olhar, banzada, na porta da cubata onde estava sair essa comida: depois começava apanhar, grão a grão, sem depressa, a parecia sabia mesmo não tinha mais bicho ali no quintal para disputar os milhos com ela, pensava o bicho comia bem e, afinal, o ovo vinha-lhe pôr de manhã na capoeira pequena do fundo do quintal dela...

Mas, nessa tarde, o azar saiu. Durante toda a manhã, Cabíri andou a passear no quintal, na rua, na sombra, no sol, bico aberto, sacudindo a cabeça ora num lado ora no outro, cantando pequeno na garganta, mas não pôs ovo dela. Parecia estar ainda procurar melhor sítio. Nga Zefa abriu a porta da capoeira, arranjou o ninho com jeito, foi mesmo pôr lá outro ovo, mas nada. A galinha queria lhe fazer pouco, os olhos dela, pequenos e amarelos, xucululavam na dona, a garganta do bicho cantava dizendo:

... ngala ngó ku kakela

Ka... ka... ka... kakela, kakela...

E assim, quando miúdo Beto veio lhe chamar e falou a Cabíri estava presa de baixo dum cesto na cubata de nga Bina e ele e o Xico viram a senhora mesmo dar milho, nga Zefa já sabia: a sacristã da galinha tinha posto o ovo no quintal da vizinha. Sai, o corpo magro curvado, a raiva que andava guardar muito tempo a trepar na língua, e sô Zé da quitanda ficou na porta a espiar, via-se bem a zanga na cara da mulher.

Passou luta de arranhar, segurar cabelos, insultos de ladrona, cabra, feiticeira. Xico e Bento esquivaram num canto e só quando as vizinhas desapartaram é que saíram. A Cabíri estava tapada pelo cesto grande mas deixava ver parecia era um preso no meio das grades. Olhava as pessoas ali juntar a falar, os olhos pequenos, redondos e quietos, o bico já fechado. Perto dela, em cima de capim posto de propósito, um bonito ovo branco brilhava parecia ainda estava quente, metia raiva em nga Zefa. A discussão não parava mais. As vizinhas tinham separado as lutadoras e, agora, no meio da roda das pessoas que Xico e Beto, teimosos e curiosos, queriam furar, discutiam os casos.

Nga Zefa, as mãos na cintura, estendia o corpo magro, cheio de ossos, os olhos brilhavam assanhados para falar:

– Você pensa eu não te conheço, Bina? Pensas? Com essa cara assim, parece és uma sonsa, mas a gente sabe!... Ladrona é o que você é!

A vizinha, nova e gorda, esfregava a mão na barriga inchada, a cara abria num sorriso, dizia, calma, nas outras:

– Ai, vejam só! Está-me disparatar ainda! Vieste na minha casa, entraste no meu quintal, quiseste pelejar mesmo! Sukuama! Não tens respeito, então, assim com a barriga, nada?!

– Não vens com essas partes, Bina! Escusas! Querias me roubar a Cabíri e ovo dela!

– Ih?! Te roubar a Cabíri e o ovo!? Ovo é meu! Zefa saltou na frente, espetou-lhe o dedo na cara:

– Ovo teu, tuji! A minha galinha é que lhe pôs!

– Pois é, mas pôs-lhe no meu quintal!

[...]

VOCABULÁRIO:	
Ngoma	tambor.
Musseque	favela.
Fimba	mergulho, mergulhar.
Nga	senhora, dona.
Rebocando	arrastando atrás de si. (popular)
Aviando	apressando, aprontando.
Jindungo	pimenta.
Monandengue	criança.
Mona	criança.
Vavô, vavó	vovô, vovó.
Capoeira	compartimento para criação de aves.
Pópilas	(interjeição) Arre, caramba, safá.
Esgaravatando	remexendo a terra com os dedos.
Aduelas	tábuas que forram o vão das ombreiras das portas.
Debicando	tirando com o bico (pequena porção de alguma coisa).
Massambala	sorgo, milho miúdo.
Bagos	grãos.
Banzada	surpreendida; pasmada.
Cubata	casa.
Xuculular	revirar os olhos demonstrando rancor ou desprezo.
Ngala ngó ku kakela	(expressão em quimbundo) estava apenas a cacarejar.
Disparatar	dizer despropósitos, disparates.
Sukuama	(interjeição) oras, arreda, poças.
Tuji	“droga”, “pinoia” (expressão popular/palavrão).

Caleidoscópio

José Vieira Mateus da Graça, também conhecido por Luandino Vieira, nasceu em 04 de maio de 1935, em Portugal. Por participar do movimento pela libertação nacional de Angola, ganhou cidadania angolana e adotou o nome de Luandino em homenagem a Luanda. Contribuiu para o surgimento da República Popular de Angola, foi presidente da Radiotelevisão Popular de Angola e foi membro fundador da União dos Escritores Angolanos. Sua linguagem apresenta influência das línguas bantas, especialmente do quimbundo.

Adaptado de <http://lusofonia.com.sapo.pt/luandino.htm>. Acesso: 02 jun. 13.



ETAPA 2

APROFUNDAMENTO DOS CONCEITOS E SISTEMATIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS



EXERCÍCIOS DE ANÁLISE TEXTUAL

Agora você irá trabalhar em dupla. Antes, porém, de responder às questões, reflita e debata sobre elas com o seu colega. Cuidado com o tempo. Fique atento para que, no momento da correção, suas atividades estejam prontas e assim você possa participar e sanar possíveis dúvidas. Vamos ao trabalho!

Condução da atividade

- *Organize os alunos em duplas.*
- *Relembre-os de que, apesar de estarem trabalhando em dupla, cada um deve preencher as respostas em sua própria folha.*
- *Mantenha-se acessível para sanar as dúvidas que podem surgir ao longo desta etapa.*
- *Controle o tempo de cada atividade e oriente os alunos para que façam o mesmo.*
- *Pontue que, após o esgotamento do tempo determinado, você verificará as respostas e haverá a sistematização dos conteúdos.*
- *Observe a participação de todos, evitando que apenas um da dupla realize a atividade e o outro só copie.*
- *Ressalte a importância da participação de todos e a necessidade de atenção no momento de verificarem as respostas.*
- *Esclareça que há respostas que admitem outras interpretações e que, por isso, os alunos não devem se apegar a uma única conclusão.*
- *Relembre que no final desta Etapa há um quadro que eles podem utilizar para fazer anotações.*
- *Faça a sistematização dos conteúdos, utilizando o quadro, ou outros recursos, se achar necessário.*
- *Utilize o resumo teórico para aprofundar os conceitos.*



Leia as questões a seguir e responda-as de acordo com o que foi debatido em sala, entre o seu professor e a turma. Junto com seu colega, responda a cada pergunta, atentando para o que realmente foi pedido.

1. No início do conto encontramos uma descrição do ambiente (espaço e tempo) em que se dá a narrativa. Podemos fazer uma analogia dessa descrição ao perfil psicológico das personagens? Justifique.

2. Qual o tema central do texto? Justifique com passagens do texto.

3. No texto, encontramos uma discussão a respeito de uma propriedade (o ovo da galinha Cabíri). Podemos dizer que esta discussão reflete outro tema da história? Qual?

4. Como vimos, de acordo com o **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, a palavra “negritude” está relacionada ao sentimento de pertencimento e de valorização da cultura negra. Que relações podemos estabelecer entre esse conceito e o conto em questão?

5. Que relações podemos estabelecer entre o texto em si e o contexto social em que a narrativa foi desenvolvida? Justifique com passagens do texto.

Orientação didático-pedagógica

Professor/a,

Nesta Etapa, é muito importante que os alunos tenham compreendido a relação da literatura africana com a literatura brasileira. Eles deverão ser capazes de reconhecer na história dos povos africanos características pertinentes ao nosso dia a dia, a nossa própria história. Para isso, faça comentários sobre a situação principal destacada no conto e a realidade das populações brasileiras que vivem com poucos recursos. Tente fazer os alunos perceberem as semelhanças entre o ambiente onde se passa a história – uma favela – e tantas comunidades componentes das grandes cidades Brasil afora. Ao mesmo tempo, já deverão ter compreendido que não devemos associar a literatura africana apenas às questões de escravidão, embora a luta por liberdade e justiça seja recorrente nas narrativas. O conto de Luandino Vieira é um bom exemplo disso.

Para a questão 1, os alunos deverão reconhecer que há a possibilidade de analogia, estabelecendo uma conexão entre a descrição do ambiente, com tempo “fechado”, cheio de nuvens e trovões, e o perfil psicológico dos personagens envolvidos: da mesma maneira que o tempo anunciava uma forte “tempestade”, o “problema” com o ovo da Cabíri anunciava um “festival” de “tormentas” e “confusões”. Eles podem justificar com suas palavras e/ou utilizando as seguintes passagens: “Assim, como, às

vezes, dos lados onde o sol fimba, no mar, uma pequena e gorda nuvem negra aparece para correr no céu azul e, na corrida, começa a ficar grande [...]falando a voz grossa de seus trovões, assim, nessa tarde caiam, começo e confusão.”

As questões 2 e 3 tratam do tema central e dos demais temas do texto. Para isso, os alunos deverão ser capazes de compreender o tema como o “assunto do texto” e perceber que, em uma mesma narrativa, podemos encontrar distintos temas envolvidos, sendo que um deve ser considerado o principal, por ter mais destaque. Na questão 2, com base no fragmento do conto componente da Dinâmica, podemos considerar o problema com o ovo da galinha como o tema central do texto, pois será com base nele que toda a narrativa será desenvolvida.

Para a questão 3, entretanto, os alunos deverão ser capazes de “ler nas entrelinhas”, ou seja, perceber a crítica que está por trás da narrativa e que está relacionada ao contexto social em que esta foi escrita. Assim, entenderão como temas secundários a disputa por alimentos e/ou a luta por sobrevivência, pois a questão da disputa pelo ovo da galinha reflete muito mais que o mero desejo pelo ovo.

Na questão 4, os alunos deverão ser capazes de identificar a relação entre os conceitos de africanidade e de negritude com o conto, de uma forma geral. Para isso, deverão perceber que há uma valorização e um sentimento de orgulho da cultura africana em toda a narrativa, principalmente no uso de palavras e/ou expressões em línguas bantas. Além disso, a temática e a forma como a história se desenvolve nos contextualizam e nos aproximam um pouco mais dos usos e costumes dos povos africanos.

Já a questão 5, a qual também está associada ao desenvolvimento da habilidade principal, espera que os alunos consigam relacionar características do texto à tradição literária em que se inscreve e/ao contexto social em que este foi produzido. Logo, deverão estabelecer relações entre o conto da “Estória da galinha e do ovo” e a situação social em que as nações africanas, especialmente Angola, viviam no momento em que o texto foi escrito. Por isso, deverão ser capazes de perceber que a história traz críticas veladas ao governo da época, que, da mesma maneira que a vizinha queria “comer o ovo da galinha que não lhe pertencia”, queria “colher os frutos daquilo que não produziu”. Os alunos precisarão compreender que a narrativa trata, entre outros assuntos, da colonização e da exploração a que estavam submetidos os povos africanos. E que a estória do ovo e da galinha é apenas o pano de fundo para fortes reflexões. Nessa leitura em um nível mais aprofundado do texto, os alunos precisarão da sua ajuda, professor/a. Sabemos como a abordagem superficial de leitura muitas vezes já se constitui uma atividade extremamente difícil para nossos alunos. Por isso, procure auxiliá-los e não espere que eles cheguem a todas essas conclusões sozinhos, já que elas demandam um conhecimento de mundo mais amplo do que provavelmente eles possuem. Por isso, fique atento/a e, se for o caso, ajude-os nesses exercícios.

ETAPA 3

AUTOAVALIAÇÃO



QUESTÕES OBJETIVAS/MODELO VESTIBULAR

Leia os textos a seguir e responda às questões de múltipla escolha que os seguem. Nelas, você testará os conhecimentos que lembrou hoje. Este é o momento de você trabalhar sozinho. Pense, reflita e aproveite esta oportunidade para testar o que realmente assimilou do que foi trabalhado ao longo da Dinâmica.

Ao final desta Etapa, o professor fará a correção e os comentários. Não se esqueça de tirar as dúvidas que surgirem durante a resolução das atividades, no momento em que estiverem debatendo as questões.

Monangaba

[...]

Quem se levanta cedo? quem vai à tonga?

Quem traz pela estrada longa
a tipóia ou o cacho de dendém?

Quem capina e em paga recebe desdém

fuba podre, peixe podre,
panos ruins, cinqüenta angolares

“porrada se refilares”?

[...]

JACINTO, Antonio. **Poemas**. Luanda; Salvador: Maianga, 2004.

1. Podemos perceber que nos fragmentos acima o tema principal recai sobre:
 - a. A falta de comida dos escravizados.
 - b. A dificuldade em trabalhar muito e descansar pouco.
 - c. A desvalorização e a opressão dos escravizados.
 - d. A violência sofrida pelos “escravizados”.

2. O fragmento “*Quem capina e em paga recebe desdém*” pode ser associado ao seguinte provérbio popular brasileiro:
- “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”.
 - “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”.
 - “Quem não chora não mama”.
 - “Papagaio come milho, periquito leva a fama.”

MAKEZU

[...]

Eles não sabe o que diz...

Pru qué qui vivi filiz

E tem cem ano eu e tu?

“É pruguê nossas raiz

Tem força do makèzù...”

CRUZ, Viriato. **Poemas**. Luanda; Salvador: Maianga, 2004.

3. O texto acima pode ser associado a um importante conceito relacionado às literaturas africanas, de um modo geral. Este conceito é o de:
- Africanidade.
 - Escravidão.
 - Liberdade.
 - Negritude.
4. Podemos afirmar que nos fragmentos acima de “Makezu” **não** há um sentimento de orgulho em:
- Pertencer ao povo Makèzù.
 - Viver de acordo com as raízes africanas.
 - Ter sido um povo escravizado.
 - Viver um século de vida fiel a sua cultura.

Resposta Comentada

Nesta Etapa, os alunos deverão ser capazes de ler os textos apresentados e relacioná-los com os conteúdos vistos ao longo de toda a dinâmica. As questões estão distribuídas de modo a permitira relação das habilidades a serem desenvolvidas com o conteúdo do currículo mínimo estudado.

Para a questão 1, eles deverão compreender que a alternativa mais adequada será a letra (c). Para chegarem a tal conclusão, precisarão compreender que os fragmentos do poema tratam da questão da “desvalorização e da opressão dos escravizados”. Embora as outras alternativas também tenham relação com o assunto, a que mais envolve o tema principal é a que fala do assunto mais genericamente, já que dentro dela podemos englobar todas as outras.

Na questão 2 será preciso o entendimento de que no fragmento em questão o foco está no fato de os escravizados serem muito explorados e maltratados e nunca, ou quase nunca, terem seu valor reconhecido. Assim, o provérbio que mais se relaciona com ele é o apresentado na letra (d): “Papagaio come milho, periquito leva a fama”; pois, apesar de os escravizados serem os responsáveis por grande parte do sucesso dos seus exploradores, não recebem o devido valor. As suas obras são remetidas aos senhores e não a quem, de fato, as produziu. Isso também tem relação com o contexto social em que o poema foi composto, já que reflete as glórias que os colonizadores recebiam em troca dos trabalhos e das humilhações dos colonizados.

As questões 3 e 4 exigem que os alunos demonstrem os conhecimentos básicos apreendidos sobre os conceitos de negritude e africanidade. Assim, para a questão 3, deverão perceber que a única alternativa a ser considerada será a letra (d) – “negritude” –, visto que os fragmentos de “Makezu” refletem uma valorização e um orgulho em pertencer à tribo africana e, conseqüentemente, em pertencer ao povo africano de maneira geral, excluindo aí a mera simpatia pela questão africana. E essas características definem o que podemos chamar de “negritude”. Assim, os conceitos de africanidade, escravidão e liberdade não podem ser considerados adequados ao fragmento analisado.

Já a questão 4 necessita que os alunos compreendam que em todos os fragmentos em questão há um sentimento de orgulho em pertencer ao povo Makèzù, em viver de acordo com as raízes africanas e, conseqüentemente, em viver um século fiel a sua cultura. A única alternativa que não está de acordo com o poema, e que, portanto, deve ser considerada como (in)adequada, é a apresentada na letra (c), pois em nenhum momento fez-se alusão à escravidão e tampouco a um orgulho em ter sido escravizado.



ETAPA 4

ETAPA OPCIONAL

PRODUÇÃO TEXTUAL

O conto “Estória da galinha e do ovo”, de José Luandino Vieira, apresenta um conflito acerca do direito de posse de um ovo posto pela galinha Cabíri. Mas, com apenas os fragmentos trabalhados ao longo da dinâmica, fica praticamente impossível desvendarmos o seu “final”. Por isso, componha uma solução para esta narrativa. Afinal, quem deve ficar com o ovo: a dona da galinha que o botou ou a dona do quintal em que ele foi posto?



Português

Lined writing area consisting of 28 horizontal lines.



Lined writing area consisting of 25 horizontal lines.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMILO, C. **Literatura Africana em sala de aula**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/consciencia-negra/literatura-africana.shtml> Acesso em: 03 jun. 2013.
- **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://lusofonia.com.sapo.pt/LA.htm> Acesso em: 03 jun. 2013.
- MACEDO, A. R. R.; MATSUMOTO, A. S. “O ensino da literatura africana na educação básica: observações iniciais.” In. **Revista Interfaces**, Guarapuava, vol. 3, nº 2, dezembro de 2012. Páginas 39-46. Disponível em: http://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/2015/1900 Acesso em: 08 jun. 2013.
- SANTANA, A. L. **Literatura africana contemporânea**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/literatura/literatura-africana-contemporanea/> Acesso em: 03 jun. 2013.

SITES CONSULTADOS

- <http://lusofonia.com.sapo.pt/luandino.htm> Acesso em: 03 jun. 2013.
- http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=a+estória+do+ovo+e+da+galinha+-+Luandino+pdf&source=web&cd=2&cad=rja&ved=0CDAQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.4all.com.br%2Fensinomedio%2Fdocument%2F20090527_joseLuandinoVieira.pdf&ei=iLCrUby4Leev0AHg5YCYCA&usq=AFQjCNEQk9eWY082irmDK8TN-76LTnMThA

DICIONÁRIOS ONLINE

- <http://www.dicio.com.br>
- <http://www.dicionarioinformal.com.br>
- <http://200.241.192.6/cgi-bin/houaissnetb.dll/frame>
Acesso em: 02 jun. 2013.

SUGESTÃO DE LEITURA PARA O ALUNO

- VIEIRA, J. L. **Luuanda**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

Neste livro, podemos encontrar a “Estória da galinha e do ovo” e mais dois outros contos. Com uma linguagem agradável e repleta de palavras e/ou expressões típicas, o autor explora a cultura e a realidade de seu povo. Além disso, você poderá desvendar o mistério sobre a posse do ovo da galinha Cabíri. Vale a pena conferir!

SUGESTÃO DE LEITURA PARA O PROFESSOR

- MARCUSCHI, L.M. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

O autor explora o trabalho com gêneros textuais e os processos de compreensão. Aprofunda conceitos como texto, textualidade, coesão, coerência, entre outros. É um bom recurso para trabalhar com textos em sala de aula!